

A LÍNGUA CANTADA DO VISSUNGO

→ MARC-ANTOINE CAMP

LUCERNE UNIVERSITY OF APPLIED SCIENCES AND ARTS, MUSIC DEPARTMENT

SÍNTESE / RÉSUMÉ / SUMMARY

Vissungo ou *vissungos* são expressões vocais com traços de culturas centro-africanas na região de Diamantina (Minas Gerais, Brasil), entoados outrora em várias ocasiões, em espaços públicos, tais como e, sobretudo, os da extração de diamantes.¹ Hoje são cantados esporadicamente, em forma responsorial, durante o transporte de defuntos de povoados rurais para o cemitério de Milho Verde. Vissungos caracterizam-se tanto por elementos rítmico-melódicos quanto pelos elementos linguísticos de descendência centro-africana, introduzidos na região pelos escravos, no século XVIII. Neste artigo, baseado em pesquisas etnomusicológicas realizadas desde 1997 na região de Diamantina, se examina a «africanidade» dos elementos linguísticos, levando para o primeiro plano a transmissão recente e as percepções verbalizadas da cultura afro-brasileira de moradores no mencionado vilarejo de Milho Verde e seus arredores.

Vissungo ou *vissungos* sont des formes d'expression vocale de la région de Diamantina (Minas Gerais, Brésil), possédant des caractéristiques culturelles centre-africaines et chantées autrefois à diverses occasions dans des lieux publics, mais surtout dans les zones de gisements diamantifères. Aujourd'hui les *vissungos* sont chantés sporadiquement sous forme responsoriale lors du transport des défunts des zones rurales au cimetière de Milho Verde. Ils se caractérisent tant par des éléments ritmico-mélodiques, que par des éléments linguistiques d'origine centre-africaine, introduits par les esclaves au XVIII^e siècle. Dans cet article basé sur des recherches ethnomusicologiques réalisées depuis 1997 dans la région de Diamantina, une analyse de l'«africanité» des éléments linguistiques est entreprise, en mettant en évidence la transmission récente et les perceptions verbalisées de la culture afro-brésilienne des habitants du hameau de Milho Verde et ses alentours.

Vissungo or *vissungos* are a form of song from the region of Diamantina (Minas Gerais, Brazil), with traces of influence from Central African cultures. In the past they were sung to mark various occasions, especially those linked to diamond mining. Today *vissungos* are sung occasionally, responsively, during funeral processions from rural hamlets to the Milho Verde cemetery. Their linguistic elements were introduced by the slaves in 18th century. In this paper, based on ethno musicological research carried on since 1997 in the Diamantina area, an analysis of the «Africanity» of linguistic elements is made, underlying recent transmission and verbalized perceptions of the Afro-Brazilian culture of Milho Verde inhabitants.

DESCENDÊNCIA E ETIMOLOGIAS

O conhecimento sobre o vissungo foi introduzido ao público brasileiro por Aires da Mata Machado Filho a partir de 1938, no seu estudo etnográfico e histórico «O negro e o garimpo em Minas Gerais» (Machado 1985). O autor, nativo da região de Diamantina, documentou um repertório de cantos com vocábulos oriundos de línguas africanas e identificados como elementos de um «dialeto crioulo de negros bantos» (Machado 1985:14, 117-118). Segundo Machado Filho, foram escravos trazidos à região para a extração de diamantes a partir dos primeiros decênios do século XVIII (Santos 1976; Luna 1981; Furtado 1996, 2003), que desenvolveram e transmitiram esse «dialeto». As «nações» de proveniência atribuídas aos escravos em registros diamantinenses de morte (Bergad 1999), de batismo (Machado 1945) e de trabalho (Ramos 1988), nos séculos XVIII e XIX constituem um indício da origem centro-africana dos escravos. Embora tais atributos não permitam a identificação inquestionável ou geograficamente precisa da origem e tenham sido usados no Brasil também como «marcas registradas» (Kubik 1991: 20-23) para designar características físicas de escravos, é significativa a clara predominância das nações «Angola», «Banguela» e «Congo» nesses registros. Índícios adicionais que apontam para a descendência centro-africana da cultura regional de Diamantina são técnicas parecidas, encontradas nos dois lados do Atlântico, como a da confecção de cestos ou moradias (Machado 1985: 57-59, Kubik 1991: 67), e a presença, outrora, de «sembas» ou batuques com umbigadas (Machado, 1985: 140; Camp, 1997-2010).

Apesar destes indícios extralinguísticos para uma influência centro-africana em Diamantina, a alegação de Machado Filho de um «dialeto crioulo», derivado das línguas Kimbundu, Umbundu e Kikongo, merece um exame mais cuidadoso (cf. Bonvini 2008). Primeiramente, é necessário aludir à imprecisão terminológica de «dialeto crioulo» que, em Machado Filho, designa um repertório de empréstimos lexicais centro-africanos, mas sem mostrar propriedades morfossintáticas em utilização. É notável que em Milho Verde, hoje, os poucos verbos do «dialeto» (Camp, 2006: 152-157; cf. Vogt/Fry, 1996: 127) são conjugados conforme o português falado na região; assim, para dizer «eles partiram», a palavra Kimbundu «kuenda» é transformada em «eles kuendou».

Além disso, em muitos casos, não é possível construir etimologias inequívocas, sobretudo se seguimos rigorosamente a antiga reivindicação de que a historiografia

afro-americana necessita identificar, através de fontes históricas, as diversidades, as transformações e os contatos culturais, tanto na África e na Europa como nas Américas (cf. Herskovits 1958: 15-18). As condições das migrações forçadas e as interações entre pessoas de variadas descendências culturais resultaram numa série de rupturas na transmissão de línguas e em mudanças fonológicas e semânticas dos empréstimos lexicais de diversas línguas (Castro, 1977: 59; Mukuna, 1979: 41-53, 65-69; Vogt/Fry, 1996: 185-188; Bonvini, 2008: 33). Para vocábulos identificáveis desde o tempo de Machado Filho até hoje, na região de Diamantina, existem mais hipóteses de étimos bantóides do que fontes históricas. Por exemplo, na expressão «kaimina» (com variantes «kaiminá», «kaimira» ou «caiumim»), ouvida em Milho Verde como sinônimo de «menina» (Brant/Cássia, 1981; Camp, 1997-2010), o prefixo diminutivo «ka», de línguas centro-africanas, provavelmente foi mesclado com a palavra «menina» de origem ibérica. Um caso difícil é o vocábulo «andame», com o significado «mulher», documentado em Milho Verde (Bezerra, 2001), que pode ter como étimos a palavra européia «madame» ou a palavra Umbundu «ndama» ou os dois. E a palavra «vissungo», para dar um último exemplo, mostra poucas variações na estrutura fonética, mas diferenças semânticas sutis nas várias fontes, significando «cantigas» em geral, no conjunto linguístico banto (Kubik, 1991: 70) e em localidades de Minas Gerais (Dornas, 1938: 150; Machado, 1985: 136), ou, como em Milho Verde, hoje, designando um repertório específico de cantigas, aquelas cantadas durante o transporte de defuntos para o cemitério (Camp, 2006: 92-106).

Para Machado Filho, não foram, em primeiro lugar, considerações metodológicas da linguística histórica que motivaram a publicação sobre o «dialeto crioulo». O estudo empírico de Machado Filho se insere na crescente produção científica, no Brasil, sobre culturas afro-brasileiras, a partir dos anos 1930, contrariando a até então «conspiração do silêncio» (Ramos, 1937: 12) nesse campo de estudo. Machado Filho apontou para a negligência do «elemento negro» nos estudos em Minas Gerais (Machado 1985: 14) e para a história afro-brasileira na região de Diamantina. O destaque dado à cultura de descendência centro-africana não se deve somente aos indícios culturais e linguísticos referidos e confirmados em estudos posteriores (Daeleman 1982; Kubik 1991:70; Nascimento 2003; Mário Roberto Zagari cit. em Brant/Cássia 1981; Vogt/Fry 1996: 285-341). Machado Filho, implicitamente, também questionou o conceito evolucionista de escalas civilizatórias, presente nos estudos afro-brasileiros do seu tempo. Neste modelo, as culturas da África ocidental foram concebidas como superiores em relação às culturas centro-africanas, com estas últimas, no Brasil, gradualmente desaparecendo no contato com as primeiras (ver, por exemplo, a argumentação de Guimarães 1940, baseada em Rodrigues 1988: 214-215;

cf. Matory 1999: 76-77). Machado Filho confirmou com os dados recolhidos a forte presença de traços culturais centro-africanos, principalmente dados lexicais relacionados ao Kikongo, Kimbundu e Umbundu no sudeste brasileiro e questionou os processos presumidos de desaparecimento de elementos culturais centro-africanos no Brasil.

PRESENTE E USOS

As etimologias abrangem somente um aspecto da herança africana na região de Diamantina. Os usos atuais dos elementos linguísticos nos seus contextos são de igual importância para uma compreensão da «africanidade» da cultura local. Descrevo, a seguir, a partir de um ponto de vista antropológico, quatro aspectos da linguagem oral em Milho Verde, através de termos ouvidos ali (e muito além deste vilarejo). Conforme as situações específicas e as posições sociais dos participantes na interação verbal, o falar ligado à herança afro-brasileira é chamado de «língua de nego», «dialeto africano», «língua» ou, simplesmente, não é denominado. Cabe mencionar que não são exclusivamente pessoas de fenótipos afro-brasileiros que usam esse falar, senão um grupo cultural afro-descendente cujos membros o adquiriram na sua socialização.

A. «DIALETO AFRICANO»

Os moradores de Milho Verde denominam como «dialeto africano» o falar com palavras de descendência centro-africana que despertaram o interesse de pesquisadores e etimologistas. Machado Filho foi o primeiro a documentá-lo na região de Diamantina, seguido de muitos linguistas e antropólogos, jornalistas e turistas que chegaram em maior número à região, ao final dos anos 1970. Esse «dialeto africano» é considerado patrimônio «africano», um marco característico da cultura da região de Diamantina e presente no vissungo.

B. «LÍNGUA»

Falantes em Milho Verde se referem à «língua» ou ao «dialeto» para abreviar as denominações «língua banguela» ou «dialeto africano», mas também para destacar a diferença dessa fala relativamente a outras linguagens. Assim, não é, primeiramente, a herança africana que a define, senão a função de excluir da compreensão os que não a entendem. A «língua» sem os atributos «banguela» e «africano» é um meio de comunicação de um grupo restrito de conhecedores que pode ser usado para transmitir mensagens sigilosas, em situações de relações conflituosas, ou ocultar mensagens ligadas a tabus. Um morador do distrito de Milho Verde comentou este uso: «Ocê ficava rino, mas eles

1 Ei congáa - [a-]rê-rê B congá auê₁ ei congáMa ri a Gombê > Fermate
2 iaue kô nga io riré ic ré kô nga ia ue kô nga mariângombe ic kô nga₁
3 e kô nga io riré ic ré kô nga ia ue kô nga mariângombe ic kô nga₁
4 e ikô ũba ekisera ue ε zôumba₁ hcmariângombe i o c D zôumba₁
5 e ikô ũba ekisera ue ε kô nga₁ ε mariângombe i o e ikô nga₁

0 0.5 1.0 1.5 2.0 2.5 3.0 3.5 4.0 4.5 5.0 5.5 6.0 6.5 7.0 7.5 8.0 8.5 9.0 9.5 10.0 10.5 11.0 11.5 12.0 12.5 13.0 13.5 14.0 14.5 15.0 15.5 1

Versão 1:

«Cantigas de rede II: carregando defunto», registradas nos anos 1930 no distrito São João da Chapada de Diamantina (MG) por Antônio Carlos Araújo Sobrinho e Aires da Mata Machado (Machado 1985:101, transcrição em pauta no. 19 [adaptada]).
Nota: Como Machado Filho indicou as flutuações no cantar (Fermata, Rallentando), mas não o tempo, a duração tinha que ser livremente determinada. 4.1 Mics)

Versão 2:

«Vissungos de mineração: de multa», cantado por José Paulino de Assunção e Garcindo Paulino de Assunção, originários do distrito de Milho Verde do Serro (MG), gravado com um RCA Victor MI 12702 no dia 17 de fevereiro 1944 em Diamantina (MG) por Luiz Heitor Corrêa de Azevedo e Euclides Silva Novo (Azevedo/Silva Novo 1944, disco no. 175Aa = fita AFS7845Aa). Nota: As palavras na linha de cima são o canto do respondente.

Versão 3:

Frase de vissungo, cantado no dia 27 de setembro 2001 por um grupo de homens do distrito Milho Verde do Serro (MG), carregando o falecido Sebastião Firmiano de Baú para o cemitério de Milho Verde, gravado por Marc-Antoine Camp (Camp 1997-2010, gravação Sony PC 100E Mini-DV, fita no. G11). Nota: As palavras na linha de cima são o canto do grupo respondente.

podia tá falando era em te matá» (cit. em Brant/Cássia 1981). Vários pesquisadores apontaram para mensagens secretas com palavras afro-brasileiras no tempo da escravidão, que impediam a compreensão pelos senhores; e, até hoje, encontramos grupos afro-brasileiros com tais «línguas» em várias regiões brasileiras (Machado 1985: 66-67; Vogt/Fry 1996; Bonvini/Petter 1998: 75-78; Queiroz 1998: 93-99).

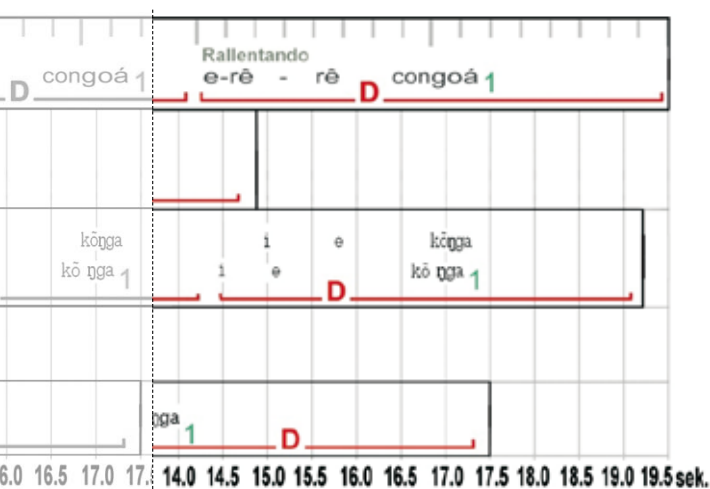
C. SEM DENOMINAÇÃO

Certas expressões de proveniência africana usadas por moradores de Milho Verde não recebem destes tal classificação. Quando uma mãe diz que leva o neném na «cacunda», não pensará no seu étimo Kimbundu, mas, provavelmente, sabe que a palavra está distribuída em várias regiões do nordeste brasileiro. Muitas palavras usadas no dia-a-dia em Milho Verde são de origem centro-africana (cf. Raimundo 1933; Mendonça 1973), largamente distribuídas e integradas ao português brasileiro.

D. «LÍNGUA DE NEGO»

Na literatura brasileira, desde o século XIX, afro-brasileiros foram caracterizados e estereotipados pela fala,

chamada «língua de nego» (Bonvini/Petter 1998: 77). No vilarejo de Milho Verde, hoje, a «língua de nego» denomina o falar incorreto relativo a normas de pronúncia do português escrito e, cada vez mais, das mídias que influenciam a linguagem nas zonas rurais remotas (cf. Machado Filho 1985: 117-120; Queiroz 1998: 100-102). Não é somente a fala de pessoas sem instrução escolar, morando em lugares isolados ao redor de Milho Verde, que é denominado «língua de nego»; também os jovens no vilarejo que se aproveitaram da melhoria da educação formal apontam para os erros na fala dos seus pais e avós. A «língua de nego» mostra, às vezes, tal grau de diferença em relação às normas que nem todas as palavras podem sempre ser identificadas. A eliminação do «r» na palavra «negro», por exemplo, é comum e facilmente compreensível na fala, pois ocorre em várias regiões brasileiras (cf. Mendonça 1973: 63; Raimundo 1933: 70; Teixeira 1938: 27). Menos evidente é a ocorrência da palavra «inhosim», em Milho Verde, provavelmente uma fusão, que data do tempo da escravidão, entre «senhor» e «sim». Quem qualifica um ato de comunicação como «língua de nego» exprime a sua superioridade em termos de educação formal e, geralmente, de camada social.



Versão 4:

Vissungo de carregar defunto, cantado no dia 9 de agosto 1997 por Antonio Crispim Verissimo no distrito de Milho Verde do Serro (MG) durante uma entrevista, gravado por Marc-Antoine Camp (Camp 1997-2010, gravação Tascam DAT-Recorder DA-P1, 2 Shure BG 4.1 Mics)

Versão 5:

Vissungo de carregar defunto, cantado no dia 21 de setembro 2004 por Antonio Crispim Verissimo no distrito de Milho Verde do Serro (MG) durante uma entrevista, gravado por Marc-Antoine Camp (Camp 1997-2010; Tascam DAT-Recorder DA-P1, Sony Stereo-Mic ECM 959^a; cf. transcrições de gravações de Nascimento 2003:82-83, 127-128)

Resumindo este pequeno quadro microsocial de denominações da linguagem com elementos linguísticos relacionados à cultura afro-brasileira, as etimologias são de relevância menor para os falantes. Somente o «dialeto africano» se refere explicitamente a uma identidade cultural africana. Nos últimos anos, o «dialeto africano» transformou-se num capital cultural de grande demanda, alguns moradores alcançando o status de mestres deste «dialeto africano» pelo grande conhecimento ativo de vocábulos e a disposição de explicar seus significados. Esta valorização do «dialeto africano» está numa relação tensa com a inferioridade atribuída à «língua de nego». É uma tensão presente nos conhecedores do «dialeto africano» que, provenientes das baixas classes sociais da sociedade local, também são considerados os portadores e transmissores da «língua de nego». Há também uma tensão entre pesquisadores e os mestres do «dialeto africano», pois tudo o que, na linguagem, não está de acordo com as normas do português, não faz parte do vocabulário brasileiro e não tem uma etimologia evidente tende a ser excluído do «dialeto africano» pelos pesquisadores, mas é, às vezes, incluído pelos mestres do «dialeto africano».

VARIAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES

Foi através do vissungo que o «dialeto africano» recebeu maior atenção nos últimos anos. Pesquisas na região de Diamantina (Kubik 1979; Nascimento 2003; Camp 2006; cf. Brant/Cássia 1981, Secretaria de Estado de Cultura, Minas Gerias 2008), produções fonográficas (Chico Rei 1985; Cantos dos Escravos 2003; Dias/Manzatti s. a.), e, recentemente, filmes (Guimarães 2003; Gusson 2008, 2009; Siqueira 2010) deram destaque ao vissungo e ao «dialeto africano» não somente na região de Diamantina, mas também nos círculos de interessados dos centros urbanos de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo.

A repetida documentação do vissungo, na região de Diamantina, nos permite investigar sua história, se não desde os remotos tempos coloniais, pelo menos desde os anos 1930. Como exemplo para tal exame diacrônico de elementos de vissungo, refiro-me a registros dos anos 1930 (Machado Filho 1930), do ano de 1944 (Azevedo/Silva Novo 1944; cf. Hart/Marks 1997) e dos anos recentes (Camp 1997-2010; cf. Nascimento 2003). Comparamos partes selecionadas destes registros e as representamos graficamente (ver ilustração). Pelas semelhanças, podem ser consideradas versões de uma primeira e lenta parte de um mesmo vissungo.

As semelhanças estão nos motivos de palavras (indicados por letras maiúsculas em vermelho), que formam duas partes (ABA' resp. AB e CD). Depois de cada parte, os cantores chegam ao tom de base (indicado pelo número 1, em verde). O motivo C representa em todas as versões um clímax pelo acento no «ê» de «mariagombê» e pela duração do tom (indicado pelo signo de acento →, em verde). As sílabas «kongá» são cantadas em todas as versões no começo, com movimento melódico descendente (indicado com uma seta verde). Ao mesmo tempo, cada versão tem suas peculiaridades. É significativo, por exemplo, que as versões 4 e 5, cantadas pela mesma pessoa num intervalo de sete anos, difiram bastante, enquanto as versões 2 e 3, realizadas por pessoas diferentes num intervalo de mais de cinquenta anos, sejam parecidas. A identidade de todas as versões se dá por uma combinação de elementos similares de estrutura fonética, de movimento melódico, de organização temporal e de ordem formal.

Algumas sílabas nas versões deste vissungo parecem não ter sentido fora do cantar, servindo a expressão melódica (cf. Frisbie 1980), e o meu pedido aos cantores de falar o que acabaram de cantar resultou, mais de uma vez, na

repetição do canto mesmo. Se voltarmos a focar a questão das etimologias, perceberemos o vocábulo «mariagombê», que aparece em muitos outros vissungos, sem que os pesquisadores tenham documentado um significado inequívoco para ele; pode ser ouvido como antropônimo («Maria boi», da forma vocativa do Kimbundu «ngombe») ou como referência botânica (*talinum patens*, conhecida no Brasil pelo nome «maria-gomes» ou – como em Milho Verde – «ora-pro-nóbis»). E, se voltamos a focar a questão dos usos, notamos que, conforme as informações dos cantores e as observações de pesquisadores, as versões estão ligadas a contextos diferentes. A versão 2 é cantada no contexto da mineração, enquanto todas as outras versões são cantadas durante o transporte de defuntos para o cemitério. Ademais, a versão 4 foi declarada como canto de insulto dirigido a um inimigo do falecido e – conforme o cantor – «chamando ele pro sumitério», já a versão 3 expressa o grande esforço de uma subida (Camp 1997-2010).

O exemplo apresentado sugere certa estabilidade das estruturas musicais na transmissão oral-aural dos vissungos, por um lado, mas incertezas etimológicas e variações de usos, por outro. Muitos outros fragmentos do repertório dos vissungos registrados, porém, aparecem como cantos singulares, pois não conseguimos agrupar musicalmente como versões de um mesmo vissungo. A análise dos registros indica então que o vissungo é, mais do que os objetos acústicos conservados, uma prática transformadora de si mesma.

TRADIÇÕES VIVAS

A tradição dos vissungos aparece como um conjunto de expressões orais que adquirem seus significados nas interligações lembradas e atualizadas entre sílabas, itens lexicais, movimentos rítmico-melódicos e usos. Os vissungos são lembrados individualmente nos seus usos vivenciados, mas atualizados no presente da performance, através de interações num grupo de pessoas cantando. Por isso, os vissungos não podem ser concebidos tão somente nas suas etimologias de um «dialetto africano». Ao contrário, os vissungos não conseguem sobreviver ligados às origens, aos significados e usos determinados e invariáveis. A possibilidade de transformação é uma condição para a transmissão oral-aural de uma tradição musical expressiva como a dos vissungos. É nas descontinuidades da transmissão que se mostra a «africanidade» do vissungo.

NOTAS

¹ Gostaria de agradecer aos conhecedores do vissungo em Milho Verde por muitos momentos oferecidos para gravar, conversar e brincar. Com grande respeito lembro o falecido mestre Crispim que me ensinou saberes de língua, de raízes e de vida. Meus agradecimentos vão também para Bruno Campolina, do Instituto Milho Verde, e para Cecília Soares-Esparta, do Centro Cultural de São Paulo, pela leitura crítica de primeiras versões deste artigo.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, LUIZ HEITOR CORRÊA DE, E EUCLIDES SILVA NOVO**
1944. *Gravações feitas em Belo Horizonte e Diamantina (Minas Gerais) entre 30 de janeiro e 20 de fevereiro 1944*. *Folksongs of Brazil Collection*, Archive of Folk Culture, American Folklife Center, Washington D. C.: Library of Congress (não publicado).
- BERGAD, LAIRD W.**
1999. *Slavery and the demographic and economic history of Minas Gerais, Brazil, 1720-1888* (Cambridge Latin American studies). Cambridge: Cambridge University.
- BEZERRA, JONI**
2001. «A última fronteira da África», em: *Estado de Minas* (Belo Horizonte), 3. Juni, 21 p.
- BONVINI, EMILIO, E MARGARIDA MARIA TADDONI PETTER**
1998. «Portugais du Brésil et langues africaines», em: *Langages* no. 130, 68-83 pp.
- BONVINI, EMILIO**
2008. «Línguas africanas e português falado no Brasil», em: *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*, ed. José Luiz Fiorin e Margarida Maria Taddoni Petter, São Paulo: Contexto, 15-62 pp.
- BRANT, CHICO, E CÁSSIA EULER**
1981. «Uma descoberta em Minas: africanos da língua bantu», em: *O estado de São Paulo*, 6 de julho.
- CANTO DOS ESCRAVOS**
2003. *Canto dos escravos* (Memória Eldorado). [vozes: Clementina de Jesus, Tia Doca da Portela, Geraldo Filme; percussão: Djalma Correa, Papete e Don Bira], Eldorado / Sony [compact disc; disco vinyl publicado 1982].
- CAMP, MARC-ANTOINE**
1997-2010. *Gravações e notas das pesquisas de campo na região de Diamantina* (não publicado).
- CAMP, MARC-ANTOINE**
2006. *Gesungene Busse: Praxis und Valorisierung der afro-brasilianischen vissungo in der Region von Diamantina*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia da Universidade de Zurique, Suíça.
- CASTRO, YEDA PESSOA DE**
1977. «Influência de línguas africanas no português do Brasil e níveis sócio-culturais de linguagem», em: *Educação* (Brasília) 6.25:49-64 pp.

CHICO REI

1986. Trilha sonora do filme *Chico Rei*. filme de Walter Lima Júnior, CBS [disco vinyl].

DAELEMAN, JAN

1982. «African origins of Brazilian Black slaves: linguistic criteria», em: *Mankind quarterly* 23.1:89-118 pp.

DIAS, PAULO, E MARCELO MANZATTI (S. A.)

Congado mineiro [Documentos sonoros brasileiros, Acervo Cachuera 1, Coleção Itaú Cultural]. São Paulo: Itaú Cultural [compact disc].

FRISBIE, CHARLOTTE J.

1980. «Vocables in Navajo ceremonial music», em: *Ethnomusicology* 24.3:347-392 pp.

FURTADO, JÚNIA FERRIERA

1996. *O Livro da Capa Verde: o regimento diamantino de 1771 e a vida no distrito diamantino no período da Real Extração* (Selo universidade 52). São Paulo: Annablume.

FURTADO, JÚNIA FERRIERA

2003. *Chica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito*. São Paulo: Companhia das Letras.

GUIMARÃES, PEDRO

2003. *Macuco Canengue*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG [filme documentário com Antonio Crispim Verissimo, Ivo Silverio da Rocha e o grupo Tambolê].

GUIMARÃES, REGINALDO

1940. «Contribuições bantus para o sincretismo fetichista», em: *O negro no Brasil: trabalhos apresentados ao Segundo Congresso Afro-Brasileiro* (Bahia) [Bibliotheca de divulgação científica 20]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 129-137 pp.

GUSSON, CÁSSIO

2008. *Ausência*. Confra filmes Brazil [filme documentário].

GUSSON, CÁSSIO

2009. *Vissungo: fragmentos da tradição oral*. Confra filmes Brazil [filme documentário].

HART, MICKEY, E MORTON MARKS

1997. *Luiz Heitor Corrêa de Azevedo: music of Ceará and Minas Gerais* (Endangered music project). ed. Mickey Hart, Alan Jabbour, Morton Marks [notas], Frederic Lieberman. Beverly/MA: Rykodisc, RCD 10404 [compact disc].

HERSKOVITS, MELVILLE JEAN

1958. *Acculturation: the study of culture contact*. Gloucester/Mass.: Smith (Reprint da primeira edição de 1938).

KUBIK, GERHARD

1979. *Gravações na região de Diamantina (Vargem do Cural, Quartel do Indaiá)*, Minas Gerais. Brasil, 6 e 7 de maio 1979, fitas originais no. A66 B – A67 A, Phonogrammarchiv der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, Wien, cópia no. B 24642 – B 24658 (não publicado).

KUBIK, GERHARD

1991. *Extensionen afrikanischer Kulturen in Brasilien* (Forum 13, Edition Herodot). Aachen: Alano.

LUNA, FRANCISCO VIDAL

1981. *Minas Gerais: escravos e senhores* (Ensaio econômico 8). São Paulo.

MACHADO FILHO, AIRES DA MATA

1945. «A procedência dos negros brasileiros e os arquivos eclesiásticos», em: *Afroamérica* (Ciudad de México). 1.1-2:67-70 pp.

MACHADO FILHO, AIRES DA MATA

1985. *O negro e o garimpo em Minas Gerais* (Reconquista do Brasil, primeira série 88). Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: USP [publicado primeiramente na Revista do Arquivo Municipal de São Paulo 1938-1940, publicação em livro pela editora José Olympio, Rio de Janeiro, 1943].

MATORY, J. LORAND

1999. «The English professors in Brazil: on the diasporic roots of the Yoruba nation», em: *Comparative studies in society and history* 41.1: 72-103 pp.

MENDONÇA, RENATO

1973. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (primeira edição publicada 1933).

MUKUNA, KAZADI WA

1979. *Contribuição bantu na música popular brasileira*. São Paulo: Global.

NASCIMENTO, LÚCIA VALÉRIA DO

2003. *A África no Serro-Frio – Vissungos: uma prática social em extinção*. Belo Horizonte: UFMG: Faculdade de Letras (Tese de Mestrado).

QUEIROZ, SÔNIA

1998. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: UFMG.

RAMOS, ARTHUR

1937. «Prefácio», em: *Trabalhos apresentados ao Primeiro Congresso Afro-Brasileiro do Recife* (Novos estudos afro-brasileiros 2, Bibliotheca de divulgação científica 9). Ed. Gilberto Freyre et alii, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 11-14 pp.

RAMOS, DONALD

1988. «Slavery in Brazil: a case study of Diamantina», em: *Americas: a quarterly review of inter-American cultural history* (Washington, D. C.) 45:47-59 pp.

RAIMUNDO, JACQUES

1933. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença.

RODRIGUES NINA

1988. *Os africanos no Brasil* (Basiliana 9, Coleção temas brasileiros 40). São Paulo: Nacional (primeira edição publicada 1933).

SANTOS, JOAQUIM FELÍCIO DOS

1976. *Memórias do distrito diamantino* (Reconquista do Brasil, primeira série 26). Belo Horizonte: Itatiaia (quarta edição).

SIQUEIRA, RODRIGO

2010. *Terra deu, terra come*. São Paulo: Tango Zulu Filmes [filme documentário].

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA, MINAS GERIAS

2008. *Cantos afro-descendentes: vissungos*. (Suplemento Literário de Minas Gerais, Outubro 2008), ed. Secretaria de Estado de Cultura. Minas Gerias, Outubro, Belo Horizonte.

TEIXEIRA, JOSÉ A.

1938. «O falar mineiro», em: *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: 4.45:5-100 pp.

VOGT, CARLOS E PETER FRY

1996. *Cafundó: a África no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.